



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANDERSON ALEXANDRE FERREIRA

**AS DUAS FACES DO CONCEITO DE “EMBEDDEDNESS”
EM SOCIOLOGIA ECONÔMICA:
UMA LEITURA A PARTIR DE KARL POLANYI E MARK
GRANOVETTER.**

Londrina/PR
2016

ANDERSON ALEXANDRE FERREIRA

**AS DUAS FACES DO CONCEITO DE “EMBEDDEDNESS”
EM SOCIOLOGIA ECONÔMICA:
UMA LEITURA A PARTIR DE KARL POLANYI E MARK
GRANOVETTER.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Sociais da Universidade Estadual de
Londrina, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Baltar

Londrina/PR
2016

ANDERSON ALEXANDRE FERREIRA

**AS DUAS FACES DO CONCEITO DE “EMBEDDEDNESS”
EM SOCIOLOGIA ECONÔMICA:
UMA LEITURA A PARTIR DE KARL POLANYI E MARK
GRANOVETTER.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Baltar
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Maria José de Rezende
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rosivaldo Pellegrini
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 03 de Março de 2017.

Dedico o trabalho aos caros e raros amigos (as) e familiares que nunca deixaram de acreditar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a família por seu total apoio e confiança em toda minha trajetória. Minha mãe Rute da Costa pelas orações. Meu pai Francisco Alexandre Ferreira e sua esposa Eliana Noel dos Reis, pelo apoio financeiro e pela confiança depositada. Meu irmão Lucas Alexandre Ferreira e sua esposa Michele Fernandes, que nos presentearam com nosso maior tesouro, seus filhos e meus sobrinhos Arthur e Matheus. Aos demais familiares, sobretudo meus avós paternos, que desempenharam um papel fundamental na construção de minha trajetória.

Aos meus professores e mestres, por seus cuidados, exemplos, paciência e orientação. Em especial ao professor Ronaldo Baltar, meu orientador, sempre disposto a orientar, paciente e que em vários momentos soube compreender minhas limitações e os momentos difíceis que a vida nos apresenta, a ele, todo o meu carinho e admiração. Aos professores do projeto PIBID ao qual tive o privilégio de participar, destacando as professoras Ângela Maria de Sousa Lima e Nilda Rodrigues por todo ensinamento e carinho para comigo, e ao professor Rogério Nunes da Silva, ao qual uma grande amizade foi construída. Aos demais professores que contribuíram para minha formação humana e acadêmica: Maria José de Resende, José Flávio Bertero, Ileizi Luciana Fioreli Silva, Flávio Braune Wiik, Adriana de Fátima Ferreira, Luciana Aliaga, Celso Vianna Bezerra de Menezes, Claudia Siqueira Baltar, Edson Elias de Moraes, Fábio Lanza, Renata Schlumberger Schevisbiski, Martha Ramirez Galvez, Maria Nilza da Silva, Cleber da Silva Lopes.

Aos meus amigos e colegas de graduação, em especial, Carlos Herrero Gonçalves, David Polh, Jefferson Francisco Gibellato, Leandro Alvares, Renan Maurício Godinho, pelo privilégio da amizade que extrapolou o “mundo universitário”. Aos amigos de longa data Fabio Ricardo Vidotte, Marcio de Carvalho, Tomy Moreira, indispensáveis para minha vida. E por fim, ao amigo Paulo Cappelletti e toda sua família, por salgar e iluminar a vida dos que os conhecem.

A todos, agradeço!

A sociologia econômica se desenvolveu por fragmentos e remendos [...] apesar da diversidade de suas origens, a característica comum da sociologia econômica continua a ser uma preocupação com as relações causais entre os aspectos econômicos e os não econômicos da vida social.

Neil J. Smelser (1963)

São interesses materiais e ideais, e não idéias, que governam diretamente a conduta dos homens. Não obstante, com certa frequência as 'imagens de mundo' criadas por 'idéias' têm, como chicotadas, determinado as sendas pelas quais a ação foi sendo empurrada pela dinâmica do interesse.

Max Weber (1946)

FERREIRA, Anderson Alexandre. **As Duas Faces do Conceito de “Embeddedness” em Sociologia Econômica:** uma leitura a partir de Karl Polanyi e Mark Granovetter. 2016. 42 pp. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel/Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2016.

RESUMO

O presente trabalho se dedica, como o título ilustra, a luz dos autores Karl Polanyi e Mark Granovetter, analisar as “duas faces” do conceito de Embeddedness (Imersão/Incrustação) em sociologia econômica. Para tanto, nos dedicamos à leitura bibliográfica das obras *The Great Transformation: Origins of our time*, 1944 (Karl Polanyi), e *Economic Action and Social Structure: The problem of Embeddedness*, 1985 (Mark Granovetter), ambas apresentando as abordagens acerca do conceito de Embeddedness. Concomitantemente a análise do conceito de Embeddedness buscamos apresentar as preocupações dos respectivos autores ao empregarem o conceito em suas respectivas obras, assim, a análise perpassa pelo momento histórico em que cada autor formulou seus conceitos. Nossa hipótese pode ser resumida como: em Karl Polanyi, o conceito é empregado sobre uma análise Macroeconômica, enquanto em Mark granovetter a abordagem toma um caráter microeconômico (alicerce da assim chamada “nova” sociologia econômica).

Palavras-chave: Sociologia Econômica; Embeddedness; Karl Polanyi; Mark Granovetter.

FERREIRA, Anderson Alexandre. **The Two Faces of the Concept of Embeddedness in Economic Sociology**: a reading from Karl Polanyi and Mark Granovetter. 2016. 42 pp. Completion of Course Work (Degree in Bachelor/Social Sciences) – State University of Londrina, Londrina/PR, 2016.

ABSTRACT

This work is dedicated, as the title shows, the light of the authors Karl Polanyi and Mark Granovetter, analyze the "two faces" of the concept of Embeddedness in economic sociology. To this end, we dedicated to bibliographic reading the works *The Great Transformation: Origins of our time, 1944* (Karl Polanyi), and *Economic Action and Social Structure: The problem of Embeddedness, 1985* (Mark Granovetter), both presenting the approaches of the concept of Embeddedness. Concomitantly the analysis of the concept of embeddedness we seek to present the concerns of their authors to employ the concept in their works, as well, the analysis moves through the historical moment in which each author has formulated his concepts. Our hypothesis can be summarized as: Karl Polanyi, the concept is employed on the Macroeconomic analysis, while in Mark Granovetter approach takes a microeconomic (foundation of so-called "new" economic sociology).

Key words: Economic Sociology; Embeddedness; Karl Polanyi; Mark Granovetter.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Formas de Organizar Processos e Interesses Econômicos	26
Figura 2 – Formas Organizacionais da Perspectiva de Análise de Rede	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Abordagens da NSE	31
Tabela 2 – Comparativo entre as concepções Super e Sub Socializadas.....	33
Tabela 3 – Referencial analítico do conceito de Embeddedness.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NSE	Nova Sociologia Econômica
RAE	Revista de Administração de Empresa
SUB	Subsocializado
SUPER	Supersocializado
MACRO	Macroeconômico
MICRO	Microeconômico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A INCRUSTAÇÃO E A (DES) INCRUSTAÇÃO EM KARL POLANYI COMO FORMAS DE ORGANIZAÇÃO ECONOMICA	17
2.1	O MERCADO AUTO-REGULADO: ASCENSÃO E RUÍNA	17
2.1.1	Economia de Mercado: Um Sistema Auto-regulado	21
2.2	SOCIEDADES E SISTEMAS ECONOMICOS	22
2.2.1	O conceito de Incrustação em Karl Polanyi.....	25
3	A IMERSÃO EM MARK GRANOVETTER COMO REFERÊNCIA CENTRAL PARA A NSE NORTE AMERICANA	29
3.1	NOVA SOCIOLOGIA ECONÔMICA NORTE AMERICANA	29
3.2	O CONCEITO DE IMERSÃO E SUA APLICABILIDADE NA ANÁLISE DE REDES	32
3.2.1	O Conceito de Imersão em Mark Granovetter.....	32
3.2.2	“Confiança e Má Fé” e “Mercados e Hierarquias” na Construção de uma Abordagem Teórica e Empírica da Imersão.....	34
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Preâmbulo.

O presente trabalho nasce de nossa curiosidade enquanto graduando do curso de ciências sociais em compreender como, dentro de um modelo econômico capitalista vigente, os indivíduos influenciam e são influenciados pelos fenômenos econômicos. Tal curiosidade nos levou aos estudos sobre Sociologia Econômica. O primeiro contato se deu através do livro *Redes e Sociologia Econômica* (2009), organizado pela Dra. Ana Cristina Braga Martes, nos dado como presente pelo então supervisor de estágio e grande amigo, Rogério Nunes da Silva. O livro trata da chamada *Nova Sociologia Econômica* (NSE), sobretudo a NSE norte americana, e traz obras de seus representantes, como também, o panorama geral sobre as perspectivas e os desafios desta “nova” corrente de pensamento (no Brasil¹, ainda em desenvolvimento).

Grande parte dos pesquisadores da NSE norte americana vêem no pesquisador Mark Granovetter “o sociólogo da economia por excelência em virtude de seu artigo tão influente - *Economic Action and Social Structure: the problem of embeddedness*” (SWEDBERG, 2004, p. 4). No citado artigo, Granovetter (2009 [1985]) (re) elabora o conceito de *embeddedness* (construção social da economia) que segundo o próprio autor traz o “argumento de que os *Comportamentos* e as *Instituições* a serem analisados são tão compelidos pelas continuas relações sociais que interpreta-los como sendo elementos independentes representa um grande mal-entendido” (GRANOVETTER, 2009, p. 33). Outra virtude do autor é seu método de pesquisa em análise de redes, onde “seu princípio básico [...] é que a estrutura das relações sociais determina o conteúdo dessas relações” (MIZRUCHI, 2009, p. 134).

¹ Lopes Junior (2011 apud: ANSELMO, 2013, p.40-42) desenvolve uma pesquisa sobre o atual cenário da sociologia econômica no Brasil e aponta para Universidade Federal de São Carlos (UFScar), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como as três principais em número de publicações. Os autores que se destacam (por publicações) são Roberto GRUN (Doutorado na França sob a orientação de Pierre Bourdieu), Ricardo do ABRAMOVAY (vários pós-doutorados na França), Nadya ARAÚJO (Doutora pelo Institute Massachusetts nos Estados Unidos), Marcelo Sampaio CARNEIRO, Lúcia Helena Alves MULLER e Júlio César DONADONE. Entre os autores clássicos os que mais são citados em publicações de autores brasileiros são Max Weber em primeiro seguido de, Karl Polanyi, Karl Marx e Emile Durkheim. Dos percussores dos grandes clássicos estão empatados com 50% das referências Mark Granovetter e Pierre Bourdieu. Anselmo (2013, p.42) destaca os projetos em desenvolvimentos sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Aparecida Chaves JARDIM (UNESP-Araraquara) e Profa. Dra. Elaine da Silveira LEITE (UFPel) com grande relevância na pesquisa sobre sociologia econômica (ou sob a rubrica de “nova” sociologia econômica) no Brasil.

O conceito de Embeddedness² (Imersão) (re) elaborado por Granovetter se torna um referencial básico e norteador para a NSE norte americana, porém, destaca Martes (2009, p.23), esse conceito “aparece pioneiramente no livro *A Grande Transformação* de Karl Polanyi”. Em *The Great Transformation*, Karl Polanyi (1980 [1944]), busca analisar as sociedades modernas a luz das sociedades não modernas, enfatizando as diferenças entre os vários sistemas sociais e econômicos. Para Machado (2010), é a partir dessa distinção que se deve entender o conceito de Incrustação em Polanyi.

Metodologia.

Desta forma a pesquisa estrutura-se metodologicamente a partir de uma leitura bibliográfica dos autores Karl Polanyi e Mark Granovetter buscando compreender, para cada qual, a concepção atribuída ao conceito de Embeddedness. A luz de uma análise comparativa entre conceitos a pesquisa traz elementos para se pensar respectivas correntes de pensamento em sociologia econômica que influenciaram a elaboração de cada conceito. Aspectos históricos são outra recorrente em uma pesquisa desta natureza, pois, de Karl Polanyi a Mark Granovetter são longos anos de construção teórica, como também, de transformações sociais. Como já dizia Minayo (2011, p. 19) “nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos”.

Se a sociologia econômica, por mais bem elaborada que seja não pode dar conta de explicar ou interpretar todos os complexos fenômenos e processos, por outro lado, tomou para si o objetivo de pensar sociologicamente questões econômicas (e não econômicas) sobre diversificados olhares. É a isso que o presente trabalho se dedica, como o próprio título ilustra, a luz dos autores Karl Polanyi e Mark Granovetter, analisar as “duas faces” do conceito de Embeddedness (Imersão/Incrustação) em sociologia econômica. Para tanto, sentimos a necessidade de estruturar o trabalho sob o seguinte formato:

² No artigo “Ação Econômica e Estrutura Social: o problema da imersão” (2009 [1985]) traduzido e publicado pela Revista de Administração de Empresa (RAE) sob a coordenação da professora da escola de administração de empresas de São Paulo da fundação Getulio Vargas, Dra. Ana Cristina Braga Martes, o termo “embeddedness” é traduzido por *Imersão*. Em outras discussões, como no caso de Machado (2010) usa-se o termo *Incrustação*, que é originário de seu “pai” fundador, Karl Polanyi (1980 [1944]).

Estrutura do Trabalho.

O trabalho se estrutura sob dois principais capítulos, em essência, ambos tratando do conceito de embeddedness, no primeiro sob a perspectiva de Karl Polanyi, no segundo sob a perspectiva de Mark Granovetter. Em Polanyi, buscamos discutir, para além do conceito de embeddedness, a economia de mercado, baseado na auto-regulação do mercado, aspectos peculiares do século dezenove, que são para o autor a grande transformação, bem como, as sociedades primitivas e seus respectivos sistemas sociais e econômicos de reciprocidade e redistribuição. Por fim, uma análise geral dos elementos discutidos para chegar ao desfecho do conceito de incrustação (embeddedness) e (des) incrustação.

Em Granovetter, buscamos analisar o conceito de imersão respaldado em uma crítica a duas concepções nas ciências sociais, as concepções sub e supersocializadas da ação humana. O ponto de análise está em compreender que, ambas as concepções entendem o indivíduo como um ser automatizado. A imersão vem com uma proposta contrária à atomização, pois, as ações humanas estão imersas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais. Por fim, abordamos as análises do autor acerca da “confiança e má fé” bem como “mercado e hierarquias” para ilustrar empiricamente o conceito de imersão. É de extrema relevância entender que em Granovetter está respaldado os princípios analíticos da NSE, que vem com a proposta de se pensar questões até então atribuídas à ciência econômica como questões da agenda sociológica. Papel que a sociologia econômica, historicamente, sempre trouxe louváveis contribuições.

Princípios da sociologia econômica.

Em um panorama geral podemos afirmar que a sociologia econômica tem como eixo central assumir uma postura crítica em relação à teoria econômica, que por sua vez, pensa o indivíduo como sendo um agente econômico movido unicamente pela busca do ganho Máximo. Esse fator não mudou desde o século XIX onde teóricos clássicos da envergadura de Durkheim, Weber, Simmel e Veblen contestavam a hegemonia de clássicos como Adam Smith e David Ricardo.

Durkheim e Weber podem ser considerados os autores com maior contribuição para a emergência da sociologia econômica contemporânea, ambos os autores se dedicaram a pensar o papel das instituições no tocante à orientação do ator econômico, e iniciaram um estudo sociológico do mercado em termos de

construção social. A sociologia durkheimiana do mercado pode ser deduzida de “sua análise do contrato na sociedade moderna, uma vez que é fundamentalmente uma sociedade de mercado e, no entanto, contratual” (ANCELMO, 2013, p. 31). Para Durkheim as relações contratuais se multiplicam na medida em que o trabalho social se divide. No entanto a fatores não contratuais no contrato, a esse respeito, na sociologia econômica de Durkheim é necessário levar em consideração (além da pressão do próprio direito, expresso através dos contratos) as regras morais que são essenciais para a estabilidade da sociedade (religião, família e Estado). Ainda que seja uma sociedade moderna, para Durkheim, encontraremos elementos não racionais nas decisões aparentemente racionais ligadas a economia (Idem, 2013).

Em Weber encontraremos estes elementos “não racionais ao comportamento econômico” em seus estudos sobre os fenômenos sociais. Nas ações individuais (relação social) o individuo sempre levará em conta a ação de outro individuo. Isso recebe o nome de ação social (ANCELMO, 2013). Weber define sociologia econômica como a aplicação de ideias, conceitos e métodos sociológicos no que se refere aos fenômenos econômicos. A isso consideramos três aspectos: fenômenos econômicos; fenômenos economicamente condicionados; e fenômenos economicamente relevantes, sendo, respectivamente, o setor econômico da sociedade, a maneira pela qual os fenômenos influenciam a sociedade e o modo pelo qual a sociedade os influencia (Swedberg, 2004).

Além de Weber e Durkheim outros intelectuais se dedicaram a pensar os fenômenos econômicos a partir de uma abordagem social. Podemos destacar Mauss, Simmel e Polanyi, que influenciaram e continuam influenciando a sociologia econômica atual, sobretudo dois autores, Pierre Bourdieu e Mark Granovetter.

2. A INCRUSTAÇÃO E A (DES) INCRUSTAÇÃO EM KARL POLANYI COMO FORMAS DE ORGANIZAÇÃO ECONOMICA

Este capítulo se dedica a discutir o conceito de embeddedness (incrustação) em Karl Polanyi. Toda a discussão é feita a partir de sua obra *A grande transformação: as origens de nossa época* (1980). A centralidade da análise se dá no comparativo entre as sociedades ditas primitivas e a sociedade moderna, a luz de seus respectivos sistemas econômicos.

Achamos conveniente iniciar a discussão a partir do que Polanyi refere-se ser “a grande transformação”, um sistema econômico oriundo do século dezenove, jamais presenciado na história da humanidade, o mercado auto-regulado. Entendendo a dinâmica de nossa sociedade – baseada na troca, no mercado auto-regulado – tratamos dos elementos essenciais para sua compreensão, os modelos organizacionais sociais e econômicos das sociedades ditas primitivas. A isso nos atentamos para o que Polanyi define, ancorado pela antropologia social, como reciprocidade e redistribuição.

Por fim, com a união de todos os elementos anteriormente discutidos, podemos dar atenção para o conceito de incrustação em Polanyi, enfatizando seus principais aspectos e abrindo um diálogo para o comparativo com o conceito de embeddedness em Mark Granovetter.

2.1 O MERCADO AUTO-REGULADO: ASCENSÃO E RUÍNA

O século dezenove pode ser considerado um termômetro para o que Polanyi vem a chamar de “grande transformação”. O seu equilíbrio e a sua ruína são uma constante preocupação do autor, onde, tais acontecimentos estão ligados as suas origens econômicas, políticas e sociais. A esse respeito Polanyi analisa a civilização do século dezenove sob quatro instituições: 1) sistema de equilíbrio de poder entre as grandes potências; 2) padrão internacional do ouro como organizador internacional da economia; 3) o mercado auto-regulável que proporcionou bem-estar material as grandes potências do século dezenove; 4) e o Estado liberal. Segundo Polanyi (1980, p. 23), “classificadas de certo modo, duas dessas instituições eram econômicas, duas políticas. Classificadas de outra maneira, duas delas eram nacionais, duas internacionais”.

A peculiaridade do século dezenove produziu um fenômeno que o autor definiu como “cem anos de paz” (capítulo I) ou “uma paz que durou cem anos – 1815-1914” (Idem, p. 24). Como de hábito, aqueles que apoiaram a paz eram os que mais se beneficiaram com ela. Nas primeiras décadas do século dezenove, ainda sobre a repercussão das revoluções francesa e industrial, a igreja e o trono iniciaram uma desnacionalização da Europa, a paz agora constituía um tremendo valor para a economia nascente. Neste período a santa aliança forneceu a força coercitiva e o ímpeto necessário para a manutenção da paz. Mas a crescente força da industrialização, por consequente a expansão econômica e a perspectiva de insegurança, resultaram em uma nova e poderosa entidade, o *concerto da Europa*.

Polanyi se atenta a um fator fundamental da peculiaridade do século dezenove, o equilíbrio de poder. Em séculos passados tais entidades como a santa aliança ou o concerto da Europa seriam equilíbrios de poder entre as nações, mas pela guerra, não pela paz. Em um determinado momento da história a santa aliança conseguiu realizar a paz entre as grandes potências sem contar com a guerra, porém, contava com elementos peculiares. Enquanto os reis e os aristocratas formavam, nas palavras de Polanyi, uma “internacional de parentesco” (idem p. 28) a igreja católica cuidou do serviço civil, do mais alto ao mais baixo na escala social europeia. Nas palavras de Polanyi “as hierarquias de sangue e do direito divino se fundiram num instrumento de governo localmente efetivo que precisava apenas ser suplementado pela força para garantir a paz continental” (Ibidem).

Mas a garantia do equilíbrio de poder em uma Europa agora em processo feroz de industrialização foi transferida aos cuidados do concerto da Europa, que, “não dispunha dos tentáculos feudais e clericais”. A atenção minuciosa de Polanyi a essa relação é a grande virtude do autor, assim, desvenda que o concerto da Europa, por si só, não seria capaz de assegurar a paz se não contasse com um fator anônimo, a saber, a *haute finance*.

Segundo Polanyi não existe muita informação no que se refere a pesquisa acerca da origem da *haute finance*, porém, essa instituição teve um papel peculiar entre as últimas décadas do século dezenove e início do século vinte, funcionando neste período como o elo principal entre a organização política e econômica do mundo. A *haute finance* pode ser considerada como um núcleo de atividades ou negócios bancários, sua atuação principal estava na participação bancária nos sindicatos e consórcios, nos grupos de investimentos, na estreita

relação participativa nas atividades acionárias das bolsas de valores, nos empréstimos estrangeiros e transações de natureza ambiciosas.

Em momento algum a *haute finance* foi instituída para o serviço da paz entre as grandes nações europeias, mas esse papel lhe foi atribuído por acidente. Segundo Polanyi “o objetivo da *haute finance* era o lucro, para atingi-lo era necessário um bom relacionamento com os governos cujo objetivo era o poder e a conquista” (idem, p. 30). A influência que a *haute finance* exercia sobre as grandes potências era sempre favorável a uma paz europeia, pois, “a grande maioria dos portadores de títulos governamentais, assim como outros investidores e negociantes, seriam os primeiros perdedores com tais guerras” (idem, p.32).

A paz ainda era vulnerável em algumas regiões como oriente médio e norte da África (semi-colônias europeias), os conflitos se caracterizavam locais, ou, dos colonizadores sobre suas respectivas colônias. Mas isso não preocupava os grandes financistas, tais eventos eram “facilmente” controlados, essas regiões e seus respectivos conflitos sustentavam o equilíbrio de poder e os lucros das grandes potências assim como da *haute finance*. A *haute finance* garantirá a administração das finanças em seus aspectos nacionais e internacionais, se tornando um organizador político e econômico da época.

Nesse aspecto percebemos que o capitalismo se difunde não apenas por um processo de inúmeros crimes coloniais e agressões expansionistas. A associação entre capital e indústria pesada também foi responsável por evitar os grandes conflitos em um determinado período na história europeia, momento esse em que até o comércio se unirá definitivamente pela paz. Segundo Polanyi (1980, p. 33) o comércio:

Exigia a paz e as grandes potências se esforçavam para mantê-la. Todavia, o sistema de equilíbrio de poder, como vimos, não podia garantir a paz por si mesmo. Isto foi conseguido pela finança internacional, cuja própria existência incorporava o princípio de uma nova dependência do comércio à paz.

Mas as mesmas grandes potências que protagonizaram uma paz que durou cem anos, sob interesses mútuos, organizados por uma instituição questionável (concerto da Europa), mas, sob a égide de uma instituição financeira (*haute finance*) que organizava direta e indiretamente as relações políticas e econômicas, protagonizaram seu fim. No início do século vinte (1904) um acordo espetacular entre Grã-Bretanha e França sobre os mercados do norte da África, e

mais tarde, o acordo entre Grã-Bretanha e Rússia sobre a Pérsia, formavam uma contra-aliança que balançou e pôs fim ao equilíbrio de poder e, por consequente, ao concerto da Europa. A competição por mercados exóticos se tornou aguda. A *haute finance* contornou a situação pelos aproximadamente sete anos seguintes, mas desta vez não foi capaz de assegurar a paz, o que culminaria, em 1914, na primeira grande guerra.

Após o colapso da primeira grande guerra acreditava-se que a restauração de um sistema econômico mundial asseguraria a paz entre as nações. Para grande parte dos que acreditavam nessa paz, se fazia necessário restaurar o modelo econômico do século dezenove. A esse respeito Polanyi retoma a uma das quatro instituições que são entendidas como alicerce das relações políticas e econômicas do século dezenove, o padrão ouro. Para Polanyi as três primeiras décadas do século vinte são conservadoras, pois, os defensores do padrão ouro como garantidor do equilíbrio de poder entre as nações, deixavam de perceber que, justamente a crise do padrão ouro, foi o motivo da ruína da civilização do século dezenove.

As aspirações de um Estado liberal, de um padrão monetário baseado na expropriação da riqueza alheia e de um equilíbrio de poder entre estes expropriadores só podem ser explicadas pela tentativa de instauração de um modelo de mercado auto-regulável. A essa questão o século dezenove foi peculiar aos demais momentos da história.

Todos os tipos de sociedades são limitados por fatores econômicos. Somente a civilização do século dezenove foi econômica em um sentido diferente e distinto, pois ela escolheu basear-se num motivo muito raramente reconhecido como válido na história das sociedades humanas e, certamente, nunca antes elevado ao nível de uma justificativa de ação e comportamento na vida cotidiana, a saber, o lucro. O sistema de mercado auto-regulável derivou unicamente desse princípio (POLANYI, 1980, p. 47).

Percebemos então que a crise do mercado auto-regulável (padrão ouro; Estado liberal; equilíbrio de poder) resultou na primeira grande guerra. Os traços da segunda grande guerra são atribuídos por Polanyi por um levante mundial. A isso se atribui também o rompimento definitivo (após algumas tentativas de restauração) do padrão ouro e a ascensão de governos totalitários e socialistas. A centralidade de todo o processo, ou origem, do cataclismo mundial só pode ser entendida, segundo Polanyi, através da compreensão da ascensão e queda da

economia de mercado.

2.1.1 Economia de Mercado: Um Sistema Auto-Regulado

Tratamos até o momento de discorrer acerca do sistema internacional peculiar ao século dezenove, tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista político. Polanyi tem uma atenção especial ao discurso da filosofia liberal acerca das análises sobre o progresso econômico, sobretudo ao que se refere ao século dezoito. Aqui as atenções do autor estão no embrião do que viria a ser o alicerce de um sistema auto-regulável, a revolução industrial. Para Polanyi (1980, p. 51) “o liberalismo econômico interpretou mal a história da revolução industrial porque insistiu em julgar os acontecimentos sociais a partir de um ponto de vista econômico”.

A revolução industrial, em seu processo de desenvolvimento econômico como um todo, tem dois momentos cruciais, um não-regulado e posteriormente um auto-regulado. Para compreender o primeiro, não-regulado, voltamos ao embrião da revolução industrial, a política de cercamento. Polanyi utiliza o termo “moinho satânico” para designar que os cercamentos, em sua essência, caracteriza-se uma revolução dos ricos contra os pobres, que custou a destruição do tecido social, levando a ruína moradias humanas, depredando cidades, dizimando a população e transformando “homens e mulheres decentes numa malta de mendigos e ladrões” (idem, p. 52).

Sustentada pelos novos centros de indústria da lã, a Inglaterra, diferentemente de outros países europeus³, freou uma catástrofe social que poderia ter levado o país a ruína (econômica e socialmente) através da relação estreita entre economia e política. Coube ao governo assegurar no possível, e estrategicamente, o devastador processo econômico, criando bases sólidas para o que viria a ser um mercado auto-regulado.

Para que se tenha uma economia de mercado é necessário que se tenha uma sociedade de mercado. Na Inglaterra, a revolução industrial foi apenas o começo do que viria a ser a grande transformação, sem precedentes para a história da humanidade, cobrando um alto preço social é bem verdade, para grande parte

³ Polanyi resalta que a Espanha, no século dezessete, é um exemplo de ruína econômica de um país como um todo pela larga escala na produção de lã em um modelo econômico não-regulado.

dos pensadores - até mesmo ideologicamente antagônicos – a revolução industrial representou um verdadeiro abismo de degradação humana. Ainda que a transformação de um sistema econômico agrário para um sistema econômico comercial (de mercado) tenha se dado paulatinamente, não muda a relevância dos impactos sociais, para Polanyi (idem, p. 58) “a transformação implica numa mudança na motivação da ação por parte dos membros da sociedade: a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência”. Entender essa afirmativa é crucial. A exigência de introduzir um meio de intercambio para cada articulação da vida industrial transforma todas as transações em transações monetárias. Assim “todas as rendas devem derivar da venda de alguma coisa e, qualquer que seja a verdadeira renda de uma pessoa, ela deve ser vista como resultante de uma venda” (Ibidem). A este processo Polanyi atribui o termo “sistema de mercado”.

A transformação de um sistema agrário para um sistema de mercado resulta em um contraste nas relações humanas, vejamos: o mercador-produtor (sistema agrário) em suas atividades comerciais de compra e venda, ainda que não obtivesse sucesso no resultado, não afetava o tecido social, sua produção era apenas de artefatos, resultante de sua atividade individual. Em um sistema de mercado, ao contrario, o que se compra é matéria prima e trabalho – homem e natureza. Para Polanyi, “a produção de maquinas numa sociedade comercial envolve uma transformação que é a da substancia natural e humana da sociedade em mercadorias” (ibidem). Uma verdadeira desarticulação das relações humanas, resultante das leis que governam o mercado auto-regulado.

2.2 SOCIEDADES E SISTEMAS ECONOMICOS

Este subcapitulo intitula-se “sociedades e sistemas econômicos” tal como se apresenta na obra de Polanyi, mais especificamente, no capitulo quatro. A semelhança se faz necessária, pois, a partir da discussão sobre sistemas econômicos que antecedem a economia de mercado – que governou o século dezenove – encontramos o ponto central para se pensar o conceito de incrustação em Karl Polanyi. Voltemos a pensar a economia de mercado. Para Polanyi (1980, p. 59):

Uma economia de mercado significa um sistema auto-regulável de mercados; em termos ligeiramente mais técnicos, é uma economia

dirigida pelos preços do mercado e nada além dos preços do mercado. Um tal sistema, capaz de organizar a totalidade da vida econômica sem qualquer ajuda ou interferência externa, certamente mereceria ser chamado auto-regulável. Essas indicações preliminares devem ser suficientes para revelar a natureza inteiramente sem precedentes de um tal acontecimento na história da raça humana.

É natural as sociedades possuírem seus respectivos sistemas econômicos, porém, nenhuma antes na história humana foi controlada por mercados. Polanyi resgata de forma crítica a afirmativa de Adam Smith que sugeriu que a divisão do trabalho na sociedade dependia de mercados, ou, da propensão do homem de barganhar, permutar e trocar uma coisa por outra⁴, para mostrar que a história e a etnografia conhecem varias espécies de economia, que incluem em sua maioria a instituição de mercado, mas estes mesmos estudos não conhecem nenhuma economia anterior a nossa que seja controlada e regulada por mercados.

Para os seguidores de Smith manter a tradição de se pensar as sociedades primitivas a partir da inclinação para o lucro foi sustentada até meados do século dezenove. A geração de historiadores da economia seguiram os mesmos passos, sempre se afastando do interesse de olhar para o passado para entender o futuro, ou seja, o quanto as relações econômicas em sociedades anteriores a economia de mercado da atual Europa central e ocidental poderiam ser cruciais para sua compreensão. A esse respeito Max Weber foi o primeiro historiador da economia moderna a protestar contra o fato de se deixar de lado as economias primitivas como irrelevantes quanto as questões de motivação e os mecanismos da sociedade civilizada. A antropologia social comprova a afirmativa de Weber. Em estudos acerca da economia do homem, em qualquer período da história, em regra, a economia esta submersa em suas relações sociais.

Nem o processo de produção, nem o de distribuição está ligado a interesses econômicos específicos relativos à posse de bens. Cada passo desse processo está atrelado a um certo número de interesses sociais, e são estes que asseguram a necessidade daquele passo. É natural que esses interesses sejam muito diferentes numa pequena comunidade de caçadores ou pescadores e numa ampla sociedade despótica, mas tanto numa como noutra o sistema econômico será dirigido por motivações não-econômicas (POLANYI, 1980, p. 61).

⁴ Essa afirmativa de Adam Smith resultaria, mais tarde, no conceito de homem econômico. Para Polanyi nenhuma leitura errada do passado foi tão profética no futuro. O paradigma do homem barganhador foi muito mais relevante para o futuro imediato do que para o passado obscuro.

A afirmativa de Polanyi nos remete a tomarmos de exemplo uma sociedade tribal. Os interesses individuais só raramente predominam sobre os interesses coletivos, a manutenção dos laços sociais é crucial. Primeiro porque infringindo os códigos estabelecidos (honra, generosidade) o indivíduo afasta-se dos laços comunais, segundo porque a longo prazo, todas as obrigações são recíprocas e seu cumprimento serve melhor aos interesses individuais de dar-e-receber. Assim a proposta de Polanyi esta em mostrar como as assim chamadas motivações econômicas se originam no contexto da vida social. Mas indagamo-nos a seguinte questão: onde se garante a ordem na produção e na distribuição, uma vez que nas motivações econômicas está ausente à motivação do lucro, o principio do trabalho remunerado, o principio do menor esforço? A resposta de Polanyi é fornecida por dois princípios de comportamento não associados basicamente a economia, a reciprocidade e a redistribuição⁵.

Tratando separadamente, o principio da reciprocidade atua principalmente em beneficio da subsistência da família (mulher e filhos) onde o homem (responsável pela subsistência) é compensado, assim, economicamente, por seus atos de virtude cívica. A exibição cerimonial dos alimentos enaltece o individuo como um bom marido e ótimo cidadão, elevando seu status de hortelão. Para Polanyi “torna-se aparente, aqui, que a economia hortelã e domestica é parte das relações sociais” (idem, p. 63) que enaltecem uma virtude individual e ao mesmo tempo “ajuda a salvaguardar tanto a produção como a subsistência familiar” (ibidem).

O principio da redistribuição não é menos efetivo. Aqui parte considerável do que é produzido pela sociedade é entregue aos cuidados de um chefe de aldeia ou chefe geral, que os armazena. O sistema de armazenamento é de extrema importância, uma vez que as atividades comuns entre seus membros estão centralizada em festas, danças e outras ocasiões onde os produtos são partilhados entre si, como também, entre membros de outras sociedades. O sistema de armazenamento é uma tarefa essencial para o sistema vigente, uma vez que se orienta a divisão do trabalho, o comércio exterior, a taxação para finalidades públicas e as provisões de defesa. Entretanto, resalta Polanyi, que as verdadeiras funções do

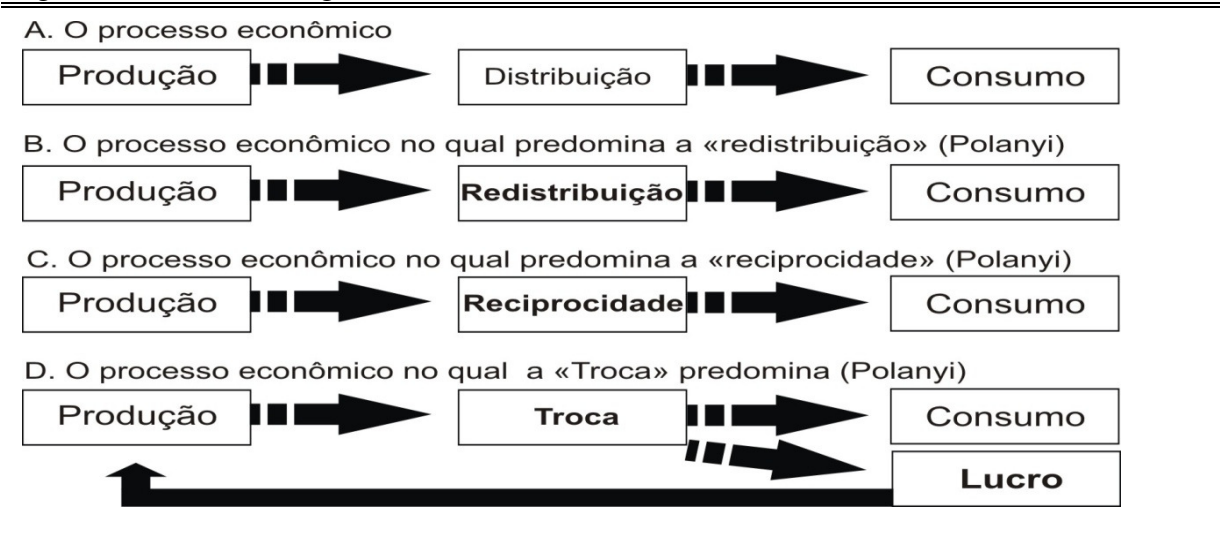
⁵ Em nota Polanyi resalta que os trabalhos de Malinowski e Thurnwald foram extensamente utilizados nesta discussão.

sistema econômico são “inteiramente absorvidas pelas experiências intensamente vividas que oferecem uma superabundância motivação não-econômica em cada ato executado no quadro do sistema social como um todo” (ibidem).

2.2.1 O conceito de Incrustação em Karl Polanyi

Apresentamos até o momento uma leitura de Polanyi acerca dos sistemas econômicos que podem ser brevemente resumidos da seguinte forma: em um primeiro momento as análises do autor acerca do século dezanove apontam para uma época da história humana a qual o sistema econômico era sustentado por um mercado auto-regulado (baseado na troca/lucro), a isso o autor atribui o termo “grande transformação”. Posteriormente, Polanyi se atenta para os sistemas econômicos que antecedem a economia de mercado auto-regulado, a saber, os sistemas sociais/econômicos sustentados pela reciprocidade e redistribuição. Há uma crítica severa do autor à filosofia liberal por não se atentarem as economias ditas primitivas como fator crucial para se compreender a dinâmica da economia moderna. É central a leitura que o autor faz das sociedades e seus respectivos sistemas econômicos, analisando as sociedades modernas a luz das sociedades não modernas, ou seja, reconhecer nas sociedades que antecederam o capitalismo, aspectos históricos e sociais que correspondem ao comportamento econômico. É justamente na análise das sociedades não modernas que Polanyi desenvolve o conceito de incrustação, como analisaremos a partir da figura abaixo.

Figura 1 - Formas de Organizar Processos e Interesses Econômicos



Fonte: Elaborado a partir de Swedberg (2009, p. 168).

De acordo com a classificação acima (Figura 1) temos distintos processos de organização econômica. Inicialmente (A) temos o processo econômico comum, definido por qualquer sociedade, produção-distribuição-consumo⁶. A distribuição (ou o ato de distribuir o que foi produzido para o consumo) pode estar organizada de três formas para Polanyi: redistribuição, reciprocidade e troca. A forma escolhida pela sociedade terá um enorme impacto sobre sua produtividade. Vejamos:

A *redistribuição* (B) costuma ser feita pelo Estado ou alguma autoridade política. Como exemplos têm os Estados socialistas modernos e sociedades da antiguidade. O que é redistribuído é consumido. Parte do que é produzido é reservado para a produção futura. O tamanho desta parte é decidido pela autoridade política. Outra forma de distribuir é a *reciprocidade* (C), comum em uma economia familiar ou de parentesco. Uma forma de organização tradicional, presente em sociedades tribais. Por fim, a *troca*, única forma de distribuição da produção que verdadeiramente pode levar a um sistema econômico dinâmico. A isso são duas razões, o interesse humano no consumo e o poderoso interesse pelo lucro (SWEDBERG, 2009). O ultimo, “ativa as pessoas de forma muito diferente da

⁶ Samuelson (1970 apud: Swedberg, 2009, p. 167) define o processo econômico produção-distribuição-consumo da seguinte forma: “a economia é o estudo de como o homem e a sociedade acabam escolhendo, com ou sem a utilização da moeda, empregar escassos recursos produtivos que poderiam ter uma utilização alternativa, para produzir varias mercadorias e distribuídas ao consumo, agora ou no futuro, entre varias pessoas e grupos da sociedade”.

redistribuição e reciprocidade. E com base na premissa de que o lucro também é reinvestido na produção, um sistema dinâmico pode surgir” (idem, p. 168), o capitalismo.

As análises de Swedberg são sucintas, mas podem ser complementadas com o que já foi discutido anteriormente. Já para o pesquisador Nuno Miguel Cardoso Machado (2010, p. 74) devemos compreender e analisar o conceito de incrustação “da necessidade sentida pelo autor (Polanyi) de salientar enfaticamente as diferenças entre os vários sistemas sociais e econômicos” nomeadamente entre o capitalismo e as sociedades que o precederam, “a condição de incrustação/(des)incrustação deve, acima de tudo, ser entendida no âmbito dessa distinção”.

O padrão de mercado organiza o sistema econômico de modo que se torna capaz de criar uma instituição específica, o mercado. Desta forma, o mercado, é por consequência, fundamental para a organização da sociedade. Nesta forma de organização social, salienta Polanyi (1980, p.72), ao invés “de a economia estar incrustada nas relações sociais, são as relações sociais que estão incrustadas no sistema econômico”.

Desta vez, o sistema econômico é organizado em instituições separadas, baseado em motivos específicos e concedendo um status especial. A sociedade tem que ser modelada de maneira tal a permitir que o sistema funcione de acordo com as suas próprias leis. Este é o significado da afirmação familiar de que uma economia de mercado só pode funcionar numa sociedade de mercado (Idem, p. 72).

Diferentemente da sociedade de mercado nas ditas sociedades primitivas, o sistema econômico apenas desempenha uma mera função no corpo social, sendo elas recíprocas ou redistributivas.

Nos amplos sistemas antigos de redistribuição, os atos de permuta e os mercados locais eram uma constante, porém apenas em caráter subordinado. O mesmo se aplica onde a reciprocidade é a regra: aqui, os atos de permuta estão geralmente incrustados em relações de longo alcance que implicam aceitação e confiança, uma situação que tende a obliterar o caráter bilateral da transação (idem, p. 75).

Assim vemos que, incrustação e (des)incrustação são conceitos norteadores de Polanyi para distinguir as formas de organização econômicas. Nas sociedades cuja organização é redistributiva e recíproca as relações sociais

incrustam-se no sistema econômico por meio da não separação entre política e Economia (incrustação). No capitalismo é o seu contrário, existe uma separação entre política e economia ((des)incrustação). Assim o capitalismo (D) se caracteriza como um sistema integrado de mercados formadores de preço, uma economia de mercado (regulada pelo mecanismo da oferta e da procura). O “mote que norteia todo o pensamento de Karl Polanyi é o intuito de realçar a absoluta excepcionalidade da economia de mercado” (MACHADO, 2010, p. 74).

Outro ponto a se destacar é a questão da regulamentação estatal. Segundo Machado (Idem, p. 76) a intervenção ou regulação do estatal não significa que a economia esteja incrustada. Em Polanyi isso aparece de duas formas “a) instauração dos pressupostos da economia de mercado (instauração de um mercado de trabalho “livre”) e b) medidas de proteção frente a (des)incrustação, essencialmente para diminuir o ritmo de mudanças impostas pela transformação numa economia de mercado (legislação laboral).”

Para que fique evidente a separação entre sociedades ditas “primitivas” e sociedade moderna (capitalista) observemos as considerações de Machado (Idem, p. 74-75):

As comunidades do passado, onde a economia, revestindo outros padrões institucionais, não constituía uma esfera separada – na maior parte das vezes sequer identificável – da sociedade, estando plenamente submersa nas relações sociais. Pelo contrário, no capitalismo a economia desincrustou-se [...] ficando o destino da sociedade entregue a um mecanismo cego – o mercado auto-regulado – que controla e subjulga. Assim, na prática, a incrustação da economia traduz-se na ausência de um sistema de mercados formadores de preço.

Assim buscamos definir o conceito de embeddedness em Karl Polanyi, sobretudo, entendendo as relações sociais sobrepondo ao sistema econômico, onde em organizações sociais recíprocas e redistributivas se diferenciam de um sistema econômico baseado no lucro, na troca, na auto-regulação, pela não separação entre economia e política. A partir desta discussão feita por Polanyi cabe-nos atentarmos ao comparativo com o conceito de imersão (embeddedness) utilizado pela NSE a luz de Mark Granovetter.

3. A IMERSÃO EM MARK GRANOVETTER COMO REFERÊNCIA CENTRAL PARA A NSE NORTE AMERICANA

Este capítulo tem na centralidade de sua proposta à análise do conceito de imersão em Mark Granovetter. Para tanto, nos atentamos com outros elementos de grande importância, fundamentais para a compreensão do conceito. De início buscamos discutir em um panorama geral a chamada “nova” sociologia econômica, pois, entendemos que a proposta de uma função para a sociologia econômica perpassa pela construção da análise de rede em Mark Granovetter.

A centralidade da construção do conceito de imersão se respalda em uma crítica a duas concepções nas ciências sociais, a saber, as concepções sub e supersocializadas da ação humana. O ponto de análise está em compreender que, ambas as concepções entendem o indivíduo como um ser atomizado. A imersão vem com uma proposta contrária a atomização, pois, as ações humanas estão imersas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais. Por fim, abordamos as análises do autor acerca da “confiança e má fé” bem como “mercado e hierarquias” para ilustrar empiricamente o conceito de imersão.

3.1 NOVA SOCIOLOGIA ECONÔMICA NORTE AMERICANA

O termo “Nova Sociologia Econômica” (NSE) foi cunhado pelo sociólogo Estadunidense Mark Granovetter, em uma conferência pronunciada a associação Norte-Americana de Sociologia no ano de 1985. Uma das (e principal) características de ser abordada como “Nova” é pelo contraste com a “Antiga” Sociologia Econômica dos anos de 1960 (SWEDBERG, 2004). Uma definição com maiores detalhes pode ser encontrada em Swedberg (2009, p. 164-165) onde, “economia” em “sociologia econômica” está no estudo das instituições econômicas que compõem o núcleo da economia e “sociologia” em “sociologia econômica” com a proposta de uma teoria econômica do capitalismo que suficientemente considere a dimensão social do mecanismo capitalista.

A nova sociologia econômica é composta hoje por vários especialistas, tanto nos Estados Unidos da América⁷, quanto na Europa⁸.

⁷ Além de Mark Granovetter, Harrison C. White, Viviana Zelizer, Bruce Carruthers, Neil Fligstein, Mark Mizruchi e Richard Swedberg - que segundo Martes (2009, p. 25) é o “mais importante divulgador da NSE

Destacamos em especial Mark Granovetter que reivindicou a si o estudo das análises de redes em sociologia econômica. Outro destaque é sem dúvidas ao professor de Granovetter na Universidade de Harvard e o qual fora sua fonte de inspiração intelectual, Harrison C. White, que dedica seus estudos a análise dos mercados de produção. Outros exemplos de “pioneirismo” segundo Swedberd (2004) são Viviana Zelizer e Bruce Carruthers que continuam atuantes no campo, Zelizer se dedica ao estudo sobre diferentes tipos de dinheiro e moeda enquanto Carruthers reivindica os estudos acerca dos sistemas de créditos e das avaliações de créditos.

Um dos autores da NSE Benoît Lévesque (2009, p. 109-112), aponta contribuições significativas ao debate, elaborando-as em *quatro hipóteses* que orientam o campo de pesquisa em (nova) sociologia econômica. (1) A NSE procura diferenciar-se da “antiga” sociologia econômica⁹. Mas, não exatamente se refere a seus fundadores (Weber, Durkheim e Simmel), mas da sociologia econômica dos anos de 1920-1970, qual seja, do paradoxo Parsoniano. Como também, tenta diferenciar-se de uma sociologia especializada como, sociologia do trabalho, da empresa, da indústria, do desenvolvimento. Desta forma a NSE tenta evitar que sempre fiquem a cargo dos economistas, questões centrais da economia, tais como, moeda e mercado, e aos sociólogos (sobretudo, da economia) caber tratar somente das condições do desenvolvimento da economia (origem de suas atividades) e de seus efeitos relacionados às consequências sociais. A NSE se diferencia igualmente da sociologia marxista ao “reverter o determinismo econômico em favor de uma determinação social da economia” (LÉVESQUE, 2009, p. 109).

(2) A um período vivenciado pelos sociólogos atuais de “grande transformação”. Os sociólogos clássicos vivenciaram no fim do sec. XIX, o período de afirmação do *laissez-faire*, e também, um período onde o sindicalismo e a

atualmente” - que serão citados no corpo do artigo, são considerados especialistas os seguintes autores: Mitchel Abolafia, Sarah badd, Wayne Baker, Nicole Woolsey Biggart, Mary Brinton, Ronald Burt, Gerry Davis, Frank Dobbin, Peter Evans, Bai Gao, Gary Gereffi, Mauro Guillén, Gary Hamilton, Victor Nee, Joel Podolny, Walter Powell, David Stark, Linda Brewster Stearns, Brian Uzzi (SWEDBERD, 2004).

⁸ Um quadro elaborado por Richard Swedberd (2004) aponta alguns dos principais especialistas da NSE na Europa, sendo eles: Nigel Dodd, Geoffrey Ingham e Mark Harvey na Inglaterra; Michel Callon, Philippe Steiner e Frédéric Lebaron na França; Karin Knorr-Cetina e Jens Beckert na Alemanha; Gyorgy Lengyel na Hungria; Carlo Trigilia na Itália; Olav Velthuis na Holanda; Rafael Marque e João Peixoto em Portugal; Donald MacKenzie e Alex Preda na Escócia; e por fim, Patrik Aspers na Suécia.

⁹ Swedberg (2005, p. 292-293) observa que a sociologia econômica atual difere significativamente da antiga sociologia econômica das décadas de 1950 e 1960, pois a antiga prefere não discutir os temas populares entre os economistas, enquanto que em seu contrario, dedicar-se quase que exclusivamente a temas populares entre os economistas tem sido o escopo da NSE.

economia social começaram a se institucionalizar. Mutações caracterizam o final do sec. XX, que segundo o autor, passou por um “desvelamento das economias administradas de tipo soviético e até mesmo socialdemocrata tornando possível a proposta neoliberal de uma auto-regulação pelo mercado” (LÉVESQUE, 2009, p. 110). Ainda assim, paradoxalmente hoje, ao invés de termos um capitalismo conquistador, o próprio neoliberalismo despertou uma necessidade de intervenção social, ou seja, nas palavras do autor, o neoliberalismo contribuiu para a “reabilitação da sociedade civil, sem eliminar, no entanto, instancias governamentais de regulamentação” (idem).

(3) A terceira hipótese a qual se insere a NSE é a de um novo paradigma onde atores sociais tem lugar na mudança social. A relação que se designa como economia e como social, nesta proposta, são reconfiguradas e seu conteúdo redefinido. (4) A quarta hipótese esta relacionada à originalidade da abordagem na NSE, que “mesmo [sendo] bastante diversificadas entre si, [são] pertinentes para melhor repensar e compreender a economia como um objeto sociológico” (LÉVESQUE, 2009, p. 112).

Ao narrar que a NSE é “bastante diversificada entre si” Lévesque (idem, p. 112-121) se refere ao “conflito” entre a NSE de língua francesa e língua inglesa. O quadro abaixo aponta para a centralidade de cada abordagem:

Quadro 1 - Abordagens da NSE

Língua Francesa	Língua Inglesa
MAUSS: Contra o Utilitarismo; paradigma da dádiva (Caillé e Godbout)	Nova Sociologia Econômica: Redes e imersão social da economia (Granovetter)

Fonte: Elaborado de Benoît Lévesque (2009, p. 113).

A NSE de língua francesa tem sua raiz na abordagem do movimento anti-utilitarista nas ciências sociais, inspirada no paradigma da dádiva de Marcel Mauss. A este assunto caberia uma interessante abordagem, sobretudo nos estudos relacionados à economia e desenvolvimento sustentável. Mas para nosso estudo cabe apenas resaltar que ambas as abordagens, tanto de língua francesa, quanto de língua inglesa, apesar de se ignorarem apresentam certas especificidades em comum, “principalmente no plano da atenção que dão ao Estado, ao mercado, às instituições e aos atores sociais” (LÉVESQUE, 2009, p. 124). Sobre a NSE de língua

inglesa o autor destaca a análise de redes e imersão social da economia em Mark Granovetter, ao qual trataremos a partir de então.

3.2 O CONCEITO DE IMERSÃO E SUA APLICABILIDADE NA ANÁLISE DE REDES

Como já tratamos introdutoriamente, Mark Granovetter é visto por grande parte dos pesquisadores da NSE como o sociólogo da economia por excelência. Sem dúvidas a análise de Imersão e Redes presentes em seu artigo datado em 1985 lhe confere tal posição. O artigo é escrito, por assim dizer, em três principais capítulos, além, obviamente, de sua introdução e conclusão. No primeiro capítulo intitulado *concepções super e subsocializadas da ação humana na sociologia e na economia*, Granovetter (2009) desenvolve o conceito de imersão, tendo como base a diferença com as concepções sub e supersocializadas da ação humana, que apesar das diferenças conceituais tem em comum a atomização do indivíduo, o que difere da proposta da imersão que se pauta em “sistemas concretos e contínuos de relações sociais” (idem, p. 40). Os demais capítulos respectivamente intitulados *Imersão, confiança e má fé na vida econômica e a questão dos mercados e hierarquias* são destinados à ilustração da análise de *redes e relações sociais* para a legitimidade do conceito.

3.2.1 O Conceito de Imersão em Mark Granovetter.

Para tratar do conceito de imersão em Granovetter é necessário ficar a par da discussão que o autor traz a partir de uma abordagem crítica de duas visões opostas, mas que marcam igualmente as ciências sociais, “o homem supersocializado, das vertentes marxistas e estrutural-funcionalista; e o homem subsocializado, das abordagens econômicas utilitarista e escolha racional” (MARTES, 2009, p. 23). O quadro abaixo ilustra um comparativo entre ambas concepções:

Quadro 2 - comparativo das concepções Super e Sub Socializadas

	Vertentes	Abordagem	Afinidades Teóricas	Diferenças
SUPER	Marxista e Estrutural-Funcionalista	Padrões comportamentais interiorizados	Ações e decisões são conduzidas por atores atomizados	Relações Sociais exercem efeitos periféricos sobre os comportamentos
SUB	Utilitarista e Escolha Racional	Busca estreitamente utilitarista dos interesses próprios		Estrutura Social e Relações Sociais Não impactam o Processo Econômico

Fonte: Elaborado pelo Autor

Analisando ambas as concepções, Granovetter (2009, p. 35) entende que na concepção supersocializada as pessoas se apresentam como “obedientes às diretrizes ditadas por sistemas consensualmente desenvolvidos de normas e valores, interiorizados por meio da socialização, de forma que a obediência não é percebida como um peso”. Já na concepção subsocializada a um contraste com a primeira, onde, seus argumentos teóricos “rejeitam por hipótese todo impacto da estrutura social e das relações sociais sobre a produção, a distribuição e o consumo” (idem p. 36). Duas abordagens distintas acerca da visão sobre a influência das relações sociais na economia, uma (supersocializada) entendendo apenas “efeitos periféricos” enquanto outra (subsocializada), onde se sustenta a teoria econômica clássica e neoclássica, as relações sociais sequer exercem algum papel no processo econômico.

Apesar das concepções super e subsocializadas apresentarem contrastes, o truque maior de Granovetter está em perceber suas afinidades teóricas. Para o autor, ambas as visões apresentam uma ironia de grande importância teórica, sendo, comum a concepção de que, ações e decisões são conduzidas por *atores atomizados*.

Na abordagem subsocializada, a atomização resulta de uma busca estreitamente utilitarista dos interesses próprios; na supersocializada, deriva da ideia de que os padrões comportamentais são interiorizados e, portanto, as relações sociais existentes exercem efeitos apenas periféricos sobre os comportamentos (GRANOVETTER, 2009, p. 37).

Granovetter vê em alguns economistas modernos uma tentativa de

aproximação com o debate acerca das “influências sociais” na economia de mercado. Ainda que essa abordagem seja *circunstancial*, não escapam da forma supersocializada. O autor argumenta que os indivíduos, ora são analisados pela classe social a qual pertencem e seu segmento no mercado de trabalho, tornando-os comportamentalmente atomizados, em outros contextos os indivíduos são levados em consideração pela *posição formal* a qual ocupam na sociedade. Mas o que é enfatizado nas observações de Granovetter é a visão que se tem do indivíduo como atomizado, um discurso proeminente no pensamento econômico moderno, bem como, o olhar destes para as relações sociais existentes tratando-as como irrelevantes.

Contudo, o autor apresenta uma análise que diz ser proveitosa para se pensar a ação humana, evitando sua atomização (abundantemente expressas nas concepções sub e supersocializadas).

Os atores não se comportam nem tomam decisões como átomos fora de um contexto social, e nem adotam de forma servil um roteiro escrito para eles pela intersecção específica de categorias sociais que eles porventura ocupem. Em vez disso, suas tentativas de realizar ações com propósito estão imersas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais (GRANOVETTER, 2009, p. 40).

Ao afirmar a Imersão como um sistema concreto e contínuo de relações sociais, o autor tem a proposta de se afastar da atomização do indivíduo e elaborar teórica e empiricamente uma economia socialmente construída. Para tanto, utiliza a questão da *confiança e da má fé* na vida econômica e *os problemas de mercados e hierarquias* como ilustração para abordagem do conceito de imersão.

3.2.2 “Confiança e Má Fé” e “Mercados e Hierarquias” na Construção de uma Abordagem Teórica e Empírica da Imersão

Sobre a questão da confiança e má-fé na vida econômica, Granovetter (2009), vê na literatura econômica, um diálogo com as concepções sub e supersocializadas da ação humana.

A perspectiva subsocializada é encontrada principalmente na nova economia institucional, de característica neoclássica, onde as relações e instituições sociais antes consideradas como eventos casuais (de forças legais; históricas; sociais; políticas), se apresentam como “soluções eficientes para determinados

problemas econômicos” (Idem, p. 41), neste contexto, “considera-se que a má-fé é evitada por arranjos institucionais inteligentes” (Idem) que antes considerados isentos de funções econômicas, agora, “evoluíram para desencorajar a má-fé” (Idem). Mas, observa Granovetter (2009) que estes *dispositivos institucionais* não produzem confiança, ao invés disso, “representam um substituto funcional para ela” a “elaboração de contratos explícitos e implícitos” que se apresentam também como formas de redução a negligência no trabalho (como planos de compensação deferida e aposentadoria compulsória).

Na perspectiva supersocializada, dentro da questão confiança e má-fé, o debate está associado à existência de uma *moralidade generalizada* de comportamento. Por moralidade generalizada o autor se refere a “acordos essenciais para a sobrevivência da sociedade ou que contribuem para a eficiência de seu funcionamento” (idem, p. 42), visto que, a de se reconhecer, segundo o autor, “certo grau de confiança [...] dada à incapacidade dos dispositivos institucionais em evitar totalmente o recurso à força e a fraude¹⁰” (idem).

Em contraste com as concepções sub e supersocializadas, a Imersão “ênfatisa, por sua vez, o papel das relações pessoais concretas e as estruturas (ou “redes”) dessas relações na origem da confiança e no desencorajamento da má-fé” (Idem, p. 43), ou seja, em uma transação econômica, o indivíduo levará mais em conta a reputação do outro (confiança) com o qual realiza a transação, do que, em esquemas de moralidade generalizada ou dispositivos institucionais. Da mesma forma, ambas as partes zelam por uma reputação pessoal, para que não ocorra qualquer eventual depreciação desta reputação.

O argumento em redes de relações sociais, logo, está não somente na transação (ação) econômica, mas, nas informações anteriormente coletadas sobre o indivíduo, por fontes confiáveis, ao qual, outrora, outras transações foram realizadas. A esse respeito, Granovetter (2009, p. 43) aponta quatro razões:

- (1) é barata;
- (2) uma pessoa confia mais na informação que colheu pessoalmente – ela é mais rica, mais detalhada, e sabe-se que é precisa;
- (3) os indivíduos com os quais se tem uma relação duradoura tem uma motivação econômica para ser dignos de confiança, para não desencorajar transações futuras; e
- (4) diferentemente de motivos puramente econômicos, as relações econômicas contínuas tendem a revestir-se de conteúdo social

¹⁰ “Força e Fraude” são referências de Granovetter a Thomas Hobbes. Em vários momentos do artigo o autor se refere ao “Estado de Natureza” em Hobbes para mostrar a proximidade do agente atomizado do “Leviatã” em comparativo com as correntes de pensamento super e subsocializadas.

carregado de grandes expectativas de confiança e abstenção de oportunismo (grifos meus).

Vejamos que tais relações extrapolam as características puramente econômicas, tornando-as sociais. Neste quesito, o que está em jogo é a honestidade, a garantia de um “negócio justo”, não puramente uma eventual vantagem econômica na transação. Observa Granovetter (2009) que as relações sociais são as principais responsáveis pela produção de confiança na vida econômica, porém, para não trocar uma forma de “funcionalismo otimista” por outra (moralidade generalizada e dispositivos institucionais) o autor “reduz o risco” sob duas perspectivas 1) o reconhecimento que a imersão é menos universal “já que as redes de relações sociais penetram irregularmente e em diferentes graus nos vários setores da vida econômica” permitindo a presença de fenômenos como a desconfiança, o oportunismo e a desordem. 2) apesar das relações sociais serem uma condição necessária para a garantia da confiança, podem também fornecer recursos para o seu contrário, a má-fé.

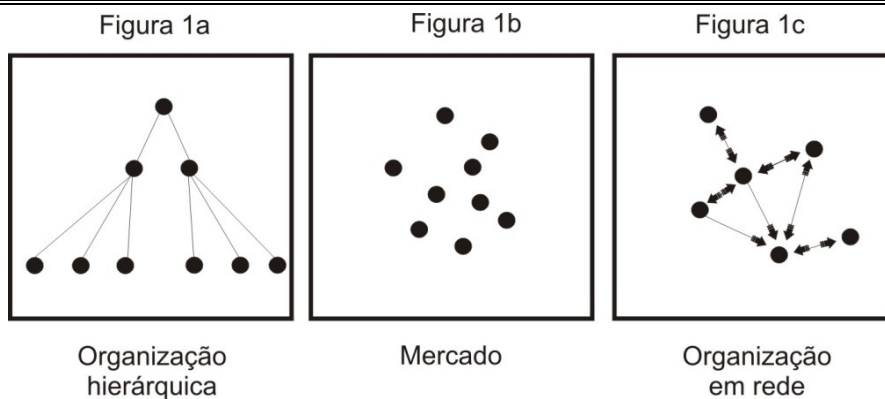
A respeito das redes de relações sociais e seu municiamento para os recursos da má-fé Granovetter (2009) aponta três motivos. 1) “sempre se magoa a quem se ama”, um fato elementar da vida social, onde, quanto maior a confiança depositada em uma relação, maior a vulnerabilidade para o encorajamento da má-fé. No mundo dos negócios, a construção de relacionamentos de confiança são requisitos básicos para o desvio de fundos e a manipulação de contas. 2) “honra entre ladrões” um nível de confiança interno é necessário por parte de grupos organizados para a elaboração da fraude. Temos como exemplo os casos de suborno, onde, raramente a atividade pode ser elaborada por indivíduos que trabalhem sozinhos, ao contrário, quando desmantelada, mostra-se um grande número de pessoas envolvidas. 3) “a dimensão da desordem resultante da força e da fraude depende muito de como a rede de relações sociais está estruturada” (idem, p. 46), um exemplo desta questão no mundo dos negócios é a relativização controlada dos conflitos entre empresas até o ponto que possam ganhar força com aliados de outras empresas na tentativa, por exemplo, de evitar aquisições indesejadas.

O que se conclui até então é que a Imersão (análise de redes em relações sociais) diferentemente das abordagens supersocializadas (moralidade

generalizada) e subsocializadas (dispositivos institucionais) “não produz previsões generalizáveis (e portanto improváveis) de ordem ou desordem universal, mas sustenta que cada situação será determinada pelos detalhes da estrutura social” (GRANOVETTER, 2009, p. 47).

No terceiro e último grande capítulo que nos dedicamos a discutir a *questão dos mercados e hierarquias*, Granovetter (2009, 47-60), para uma aplicação concreta do conceito de imersão, se dedica a uma leitura crítica da obra *markets e hierarchies* (mercados e hierarquias) do economista Oliver Williamson. O economista Williamson se dedica ao estudo das estruturas funcionais desempenhadas dentro das empresas hierarquicamente organizadas, ao passo que, Granovetter se dedica aos processos mercadológicos que extrapolam fronteiras. A figura abaixo ilustra o debate entre os autores.

Figura 2 - Formas Organizacionais da Perspectiva de Análise de Redes



Fonte: Elaborado de Charles Kirschbaum (2009, p. 309)

Podemos perceber uma estrutura hierárquica ideal na figura 1a, também conhecida por laços verticais, os indivíduos se encontram separados por uma base piramidal e são ligados por uma estrutura de níveis superiores. Os indivíduos são ligados por um nó, e a comunicação entre eles sempre passa por um nível superior. A figura 1b ilustra a estrutura ideal do mercado, indicando que todos estão separados, assim, naturalmente, não a coalizões entre eles, “assume-se que a informação é igualmente compartilhada, ao passo que o principal mecanismo de comunicação é o sistema de equilíbrio preço-quantidade” (Kirschbaum, 2009, p. 309). Diferentemente da estrutura hierárquica e da estrutura de mercado a estrutura de organização em redes, ilustrado pela figura 1c busca preencher a lacuna

existente entre organizações hierárquicas e mercado, reconhecendo uma estrutura hierárquica, entretanto, “as relações incluem laços verticais e horizontais. Diferentemente da estrutura de mercado, os laços existem, não são uniformes, levando a heterogeneidade de difusão de informações” (idem).

Oliver Williamson faz parte da corrente de pensamento *nova economia institucional*, é considerado um revisionista entre os economistas, sua posição intelectual o faz se aproximar da perspectiva sociológica, pois, leva em consideração em suas análises as influências institucionais, por tal motivo é escolhido por Granovetter para o debate. Williamson é adepto da estrutura verticalmente organizada (figura 1a), defendendo, por exemplo, que as relações de autoridade dentro das empresas têm a capacidade de resolver conflitos entre as empresas, sem a necessidade de ser refém do oportunismo dos agentes econômicos. Nas relações de negócios defende que fica a cargo das autoridades superiores a construção de relacionamentos, possivelmente de longo prazo, que desencorajam a má fé. Williamson superestima o poder hierárquico dentro das empresas, onde, os indivíduos interiorizam as regras das estruturas hierarquizadas, tornando-os indivíduos atomizados. Pode considerar-se que a visão do economista se aproxima com a visão supersocializada, onde os indivíduos obedecem passivamente e interiorizam os interesses da empresa.

Granovetter (2009) defende a organização em redes (figura 1c) onde as relações sociais dentro das empresas e entre as empresas são densas e duradouras. Traz como exemplo as diretorias integradas onde as relações sociais se aproximam das relações de negócios, as vantagens recíprocas das relações sociais construídas entre vendedores e agentes de compras, a reciprocidade entre as empresas nas auditorias independentes, as informações sobre os perfis de funcionários que circulam entre as empresas.

Podemos definir que a proposta de granovetter é mostrar que, diferentemente de Williamson, - que defende a ausência de oportunismo ou de má fé na vida econômica e nas relações de mercado pela interiorização de regras verticais de empresas hierarquicamente organizada - as relações pessoais e as redes de relações sociais entre as empresas e dentro delas – como a ordem e a desordem, a honestidade e a má fé – “tem mais relação com a estrutura dessas relações do que com a forma organizacional” (Idem, p. 58). Lévesque (2009, p. 131) analisa que os estudos da NSE, sobretudo de Granovetter “contribuem para estabelecer que a

economia de mercado incrusta-se (imerge) no social por meio das redes” e que a explicação sociológica se torna pertinente sempre quando “a ciência econômica neoclássica pressupõe que a economia mobiliza apenas indivíduos atomizados”.

Granovetter (2009, p. 64) finaliza o artigo provocando os sociólogos para a importância do estudo da vida econômica. Os estudos acerca dos mercados e hierarquias são importantes, mas para o autor é apenas uma ilustração para demonstrar que o problema da imersão possui uma aplicabilidade muito geral. Reforça o autor que os sociólogos “ao evitar a análise dos fenômenos centrais da teoria econômica dominante [...] abdicam desnecessariamente de um amplo e importante aspecto da vida social, e desligaram-se da tradição europeia – derivada especialmente de Max Weber”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos apresentar, neste trabalho, as “duas faces” do conceito de Embeddedness em sociologia econômica. Para tanto nossas atenções sobressaíram sobre dois autores, Karl Polanyi e Mark Granovetter. Podemos, com efeito, falar de uma “*grande transformação*” sofrida pelo conceito de Embeddedness na comparação entre sua aplicabilidade nos autores Polanyi e Granovetter. Cada abordagem é caracterizada por distintos aspectos. Se em Karl Polanyi o conceito de Embeddedness é utilizado para demonstrar a diferenciação entre os sistemas econômicos não-regulados (inclui-se os sistemas econômicos de cunho socialista) e auto-regulados pelo mercado, por seu turno, a abordagem do conceito de Embeddedness em Mark Granovetter busca afirmar que o comportamento econômico dos indivíduos está imerso em redes de relações interpessoais. Nossas considerações finais serão ilustradas a partir da análise do quadro abaixo:

Quadro 3 - Referencial Analítico do conceito de Embeddedness .

AUTORES	ABORDAGEM ECONÔMICA	ATRIBUIÇÃO CONCEITUAL EMBEDDEDNESS	OBRA ANÁLISADA
KARL POLANYI	MACRO	SISTEMAS ECONÔMICOS NÃO-REGULADOS (EMBEDEDDNESS) E AUTO-REGULADOS ((DIS)EMBEDEDNESS) PELO MERCADO.	THE GREAT TRANSFORMATION: ORIGINS OF OUR TIME 1944
MARK GRANOVERTER	MICRO	ECONOMIA ESTÁ IMERSA/INCRUSTADA (EMBEDEDNESS) NAS RELAÇÕES SOCIAIS ATRAVÉS DAS REDES DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS.	ECONOMIC ACTION AND SOCIAL STRUCTURE: THE PROBLEM OF EMBEDDEDNESS 1985

Fonte: Elaborada pelo Autor.

Podemos considerar, assim como mostra o quadro acima, que os autores partem de uma abordagem distinta acerca do conceito de Embeddedness, sendo, Karl Polanyi caracterizado por uma abordagem Macroeconômica enquanto que em Mark Granovetter a abordagem se apresenta como microeconômica. Por que razão? Entendemos que uma abordagem parte das instituições sociais (Macro) enquanto outra analisa propriamente as ações individuais (Micro). Vejamos:

As análises de Polanyi acerca dos sistemas econômicos não-regulados e auto-regulados pode ser caracterizado por duas abordagens, uma

substantivista, outra formalista. Na abordagem substantivista o escopo está sobre as formas institucionais que revestem nas diferentes sociedades em seu processo de satisfação das necessidades humanas, buscando a compreensão do lugar ocupado da economia em sociedades. Preocupação essa que está na suficiência (sociedades do passado) ao invés da eficiência (sociedades modernas). Na abordagem formalista o autor procura analisar o indivíduo isolado (racional) que procura maximizar lucros, ou seja, remete-se aos predicados do *homo economicus*. A abordagem econômica formalista aplica-se apenas aos estudos das economias modernas capitalistas, onde os mercados são à base do sistema (auto-regulados). Na prática, incrustação para Polanyi traduz-se na ausência de um mercado formador de preço, enquanto (des)incrustação implica em uma ruptura entre economia e política, uma relativa autonomia das relações econômicas sobre o tecido social propriamente dito.

Por seu turno, Mark Granovetter se preocupa com a incrustação para afirmar a excepcionalidade da análise de redes. A nosso ver, a incrustação assume o papel de legitimador da análise de redes, sendo assim, aplicada para mostrar que os indivíduos não são atores atomizados – atores que interiorizam as regras institucionais – mas ao contrário, são atores econômicos racionais, que interagem através de suas redes de relações interpessoais. A proposta da incrustação contribui para estabelecer que a economia de mercado incrusta-se no social através das redes.

Finalizamos o trabalho com a hipótese de que, a grande diferença entre as abordagens de Karl Polanyi e Mark Granovetter relacionado ao conceito de Embeddedness está em: os aspectos institucionais (macroeconômicos) de Karl Polanyi, preocupado em entender os padrões dos sistemas econômicos que antecederam o capitalismo em busca da compreensão da excepcionalidade do mercado auto-regulado, e em Mark Granovetter, uma abordagem voltada a compreensão das relações sociais (microeconômico) como mote das relações interpessoais em um contexto de economia de mercado, assim, legitima a análise de redes. Outros aspectos poderiam ser abordados neste trabalho, como, a errônea atribuição da análise Polanyana de Embeddedness para a análise da NSE, pois como observamos, a um abismo que separa os dois conceitos. Porém, enfatizamos que, cada qual em seu momento histórico buscou compreender aspectos econômicos com uma abordagem social. A isso chamamos, sociologia econômica.

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Joyce Heloisa. **Inclusão das mulheres como investidoras na bolsa de valores de São Paulo** [recurso eletrônico]: limites e ambiguidades. São paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 145 pp.
- GRANOVETTER, Mark. **Ação Econômica e Estrutura Social: o problema da Imersão**. IN: Redes e sociologia Econômica / org. Ana Cristina Braga Martes – São Carlos: EdUFSCar, 2009. pp. 31-68.
- KIRSCHBAUM, Charles. **Renascença da Indústria Brasileira de Filmes: destinos entrelaçados?** IN: Redes e sociologia Econômica / org. Ana Cristina Braga Martes – São Carlos: EdUFSCar, 2009. pp. 309-335.
- LÉVESQUE, Benoît. **Contribuição da Nova Sociologia Econômica para Repensar a Economia no Sentido do Desenvolvimento Sustentável**. IN: Redes e sociologia Econômica / org. Ana Cristina Braga Martes – São Carlos: EdUFSCar, 2009. pp. 107-129.
- MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. **Karl Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: notas sobre o conceito de (dis) embeddedness**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 90, Setembro 2010, pp. 71-94.
- MARTES, Ana Cristina Braga. **Introdução**. IN: Redes e sociologia Econômica / org. Ana Cristina Braga Martes – São Carlos: EdUFSCar, 2009. pp. 21-28.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio da pesquisa Social**. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 30. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 108 p.
- MIZRUCHI, Mark S. **Análise de Redes Sociais: avanços recentes e controversias atuais**. IN: Redes e sociologia Econômica / org. Ana Cristina Braga Martes – São Carlos: EdUFSCar, 2009. pp. 131-159.
- POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: ed Campus, 1980. 306 p.
- SWEDBERG, Richard. **A sociologia Econômica do Capitalismo: uma introdução e agenda de pesquisa**. IN: Redes e sociologia Econômica / org. Ana Cristina Braga Martes – São Carlos: EdUFSCar, 2009. pp. 161-205.
- SWEDBERG, Richard. **Max Weber e a Idéia de Sociologia Econômica**. Tradução Dinah Abreu Azevedo. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ; São Paulo: Beca Produções Culturais, 2005. (Col. Economia e Sociedade v.5). 388 pp.
- SWEDBERG, Richard. **Sociologia econômica: hoje e amanhã**. – Tradução: Sergio Miceli. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 16, n. 2. Nov/2004. pp. 7-34.